



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

PERCEPÇÕES DE GÊNERO EM UMA ESCOLA DE REMÍGIO-PB

Área temática: Educação

Amanda Gonçalves dos Santos Silva; Anita Leocádia Pereira dos Santos; Emanuela Gonçalves dos Santos graduada; Maria Betania Sabino Fernandes.

Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Quem Disse que as Mulheres Não Podem? Educação em Direitos, Esportes e Saúde (PROEXT/MEC/2015).

RESUMO

A sociedade é orientada culturalmente por um conjunto de valores, práticas, crenças e normas que promovem relações de gênero marcadas pelas desigualdades construídas entre homens e mulheres ao longo da vida. Como construções culturais, estas relações são influenciadas diretamente pela educação, que tanto pode modificá-las, como pode contribuir para perpetuar as assimetrias de gênero, alimentando as relações de poder em que o masculino seja privilegiado em detrimento do feminino. Assim, o presente estudo tem como objetivo identificar as percepções de gênero de estudantes de duas turmas do terceiro ano do Ensino Médio, de uma escola pública de Remígio-PB, com vistas a realização de oficinas sobre Gênero e Juventude, no âmbito do Programa de Extensão “Quem disse que as mulheres não podem? Educação em Direitos, Esportes e Saúde”(PROEXT/MEC/2015). Para a discussão dos resultados, são adotados os conceitos de androcentismo e estereótipos de gênero. Foram feitas visitas à escola para coleta de dados mediante ao uso de questionários, com uma amostragem de 68 estudantes, sendo 42 meninas e 26 meninos, com idades entre 15 e 22 anos. Os resultados apontam que há alterações em relação às concepções conservadoras de gênero, mas, confirmam que ainda se revelam visões androcêntricas, tanto para o âmbito familiar como para a escola, manifestas a partir da naturalização dos estereótipos de gênero.

Palavras chaves: Relações de Gênero; Estereótipos de Gênero; Androcentrismo.

ISBN: 978-85-93416-00-2





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



1. Introdução

A educação, do modo como vem sendo praticada ao longo da história, tem contribuído para o aumento das desigualdades de gênero. Homens e mulheres biologicamente são diferentes, mas suas capacidades variam enormemente de acordo com a personalidade de cada indivíduo, porém, as características são atribuídas ao sexo do indivíduo, onde as meninas na maioria das vezes são percebidas como frágeis e emotivas, enquanto os meninos como ágeis e racionais. Assim, forma como se comportam é orientada e normatizada pela sociedade, em construções socioculturais e educacionais, que indicam modelos a serem seguidos. Sobre isso, Carvalho afirma que:

As relações de gênero se baseiam em representações sociais e culturais, ou seja, nas ideias sobre o que se deve ser, como deve se comportar, pensar e sentir um homem ou uma mulher. Assim, as ideias sobre a masculinidade e feminilidade tendem a criar estereótipos que ditam como todos os homens e as mulheres devem ser (CARVALHO, 2000. p. 16).

As questões de gênero podem causar grandes conflitos de interesses em todos os meios sociais, partindo do âmbito familiar e escolar, onde acontecem inicialmente, a construção da identidade do indivíduo. Assim, nestes ambientes podem ser construídos os estereótipos de gênero que além de serem representações simplificadas e prejudiciais, funcionam como um dispositivo de visão e classificação das pessoas (CARVALHO, ANDRADE; JUNQUEIRA, 2009), acionado ao longo da vida, determinando desempenhos e percepções do que é ser homem e do que é ser mulher influenciando na vida individual e socialmente de todas as pessoas.

Na visão androcêntrica, as desigualdades entre homens e mulheres estão atribuídas ao sexo biológico. As diferenças físicas entre homens e mulheres apresentam características específicas, como o fato de a mulher procriar e amamentar. Entretanto, o que acontece é que muitas vezes essas características distintas são utilizadas pela sociedade na reedição de representações sociais, culturais, de valores como atribuições de gênero. Scott (apud

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização



Patrocínio



Apoio





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

SOUSA et al, 1999), afirma que “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que “fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana”. Diante disso, percebemos que o gênero é determinado pelo contexto social, cultural, religioso, político e econômico entre outros e o sexo é determinado pela natureza biológica. Na educação do homem e da mulher, essas matrizes se entrelaçam a partir do nascimento do bebê, da escolha do enxoval, azul para meninos e rosa para meninas, a partir do desenvolvimento da criança, começará então, a ser impregnado o que a sociedade espera de um menino ou menina, ou seja, a diferenciação do sexo masculino e feminino nas diferentes formas de pensar e agir.

Estas relações são relações de poder, que sempre foram alimentadas por uma sociedade androcêntrica e machista, em que o masculino é exaltado e sempre pautado no prestígio, resultando na valorização do homem em detrimento da mulher. Nesta ordem androcêntrica, de supervalorização da figura masculina cabe ao homem os cargos de chefia e de liderança e a mulher é esperada sempre em ações subalternas, relacionada às

atividades domésticas e a criação dos filhos, Sendo esta visão androcêntrica, resultante da incorporação do preconceito desfavorável contra o feminino, conforme Bourdieu (2005), torna-se fundante da dominação masculina e é um importante alvo a ser delimitado e desconstruído para a construção de relações de gênero baseadas no respeito e na valorização da diversidade.

Diante do exposto, o interesse no presente trabalho partiu da investigação acerca das percepções de gênero de adolescentes estudantes, com vistas à realização de oficinas sobre Gênero e Juventude, no âmbito da execução do Programa de Extensão “Quem disse que as mulheres não podem? Educação em Direitos, Esportes e Saúde” (PROEXT/MEC/2015).

O presente estudo tem como objetivo analisar em termos qualitativos, com base nos conceitos de gênero, androcentrismo e estereótipos, a forma como estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública de Remígio-PB, compreendem diferenças ou igualdades entre homens e mulheres, focalizando suas características e atuações sociais em família e na escola. Neste sentido, foi investigado se prevalecem os estereótipos de gênero

ISBN: 978-85-93416-00-2





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

nestas percepções adolescentes ou se há novas percepções de ser homem e ser mulher, na direção da superação da dominação masculina.

2. Metodologia

O presente estudo foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Bronzeado Sobrinho, localizada no município de Remígio-PB, sendo a única escola pública de Ensino Médio no Município. Foi pesquisada uma amostra de 68 alunos/as de 3º ano do Ensino Médio, sendo 42 meninas e 26 meninos, com faixa etária entre 15 e 22 anos. Por se tratar de uma Escola pública é direcionada a todos os classes sociais, com predominância da classe popular. Não tratamos de raça por não ser de relevância para esta pesquisa.

A coleta dos dados foi realizada por meio de duas visitas à escola, uma no período da manhã e outra à tarde do mesmo dia. Foi explicado aos alunos/as a pesquisa e apresentados os questionários e como eles/as poderiam contribuir para a realização deste estudo. Estando os voluntários de acordo com a colaboração, foram distribuídos os questionários entre os alunos/as e recolhidos em seguida.

O instrumento utilizado para coleta dos dados foi um questionário dividido em quatro perguntas, sendo três questões fechadas e uma questão aberta. Das questões fechadas duas poderiam ser acrescidas de comentários. Na primeira questão, foi elaborada uma tabela com características, para que fossem marcadas qual eles/as achavam que pertenciam ao sexo masculino e/ou feminino; na segunda questão, pedia-se para que os alunos/as marcassem sim ou não de acordo com concepção de cada um, a quem são direcionados a autoridade da casa e aos serviços domésticos, no tocante a família; na terceira questão, foi questionado se eles/as já haviam feito suas escolhas profissionais e em caso positivo qual seria. Na quarta e última questão foi perguntado se observavam alguma diferença no comportamento de meninas e meninos na escola. Estas questões foram elaboradas com a finalidade de observar as percepções dos alunos quanto as diferenças de gênero no ambiente familiar e escolar.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização



Patrocínio



Apoio





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



3. Resultados e discussão

A partir das considerações dos/as alunos/as podemos observar na primeira questão diferenças significativas nos resultados, sobre a percepção do que é ser homem e o que é ser mulher. De acordo com estas compreensões é possível observar como são gerados os diferentes papéis sociais e de comportamentos, relacionados aos homens e as mulheres. Desta forma, são estabelecidos papéis apropriados para o sexo masculino e para o sexo feminino. Por exemplo, para as meninas são impostas condutas de fragilidade, sensibilidade, passividade, já para os meninos, são atribuídos à força, o poder, a coragem. Estes fatores tendem a ser reproduzidos por todos como sendo fatores naturais do ser humano. Como afirma Bourdieu:

A divisão entre os sexos parecer ser “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ele está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas, em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistema de esquemas de percepção de pensamento e de ação. (BOURDIEU, 2014, p. 17).

Esse comportamento está intrinsecamente ligado com as relações de gênero, que se refere às relações sociais de poder entre homens e mulheres em que cada um tem um papel social, evidenciando as diferenças determinadas pelo sexo, conforme está presente no estudo em tela apresentado na tabela 1:

ISBN: 978-85-93416-00-2



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Tabela 1 - Percepção dos estudantes sobre as características de homens e/ou mulheres

Características	Sexo		Masculino e Feminino
	Feminino	Masculino	
Agressividade	-	46	20
Atividade	13	06	48
Independente	11	11	45
Empreendedorismo	10	26	32
Sensibilidade	56	01	11
Solidariedade	34	03	31
Fragilidade	61	03	01
Competitividade	12	24	29
Coragem	02	32	34
Objetividade	20	07	41
Emotividade	44	03	18
Medo	36	03	29
Racionalidade	08	16	44

Fonte: Elaborado pela Autora

Nos itens agressividade, atividade, independente, competitividade e emotividade, 10 participantes não marcaram as características sugeridas.

Na segunda questão, os estudantes deveriam usar o S-sim para a afirmação com a qual estivesse de acordo ou N-não para a afirmação com a qual não estivesse de acordo. De acordo com as percepções de família, expostas na Tabela 2, no que se refere à primeira afirmação, 32 alunos/as atribuíram sim, “o pai é a autoridade máxima da casa” e 36 disseram que não; referente a segunda questão, 52 estudantes atribuíram sim, “a mãe cuida

ISBN: 978-85-93416-00-2



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

da casa e dos filhos” e 16 não; a terceira questão foi respondida sim para “os filhos devem obediência ao pai” por 58 dos estudantes e dez marcaram que não; para a quarta questão, 67 atribuíram sim para “o pai e a mãe são autoridades na casa” e apenas um disse não; quando se tratou de que “o pai e mãe cuidam da casa e dos filhos”, na quinta afirmação, 60 alunos/as atribuíram sim e oito não; na sexta e última afirmação, sobre a obediência dos filhos tanto ao pai quanto à mãe, 67 concordaram e um aluno discordou. Deste universo de 68 alunos/as, onze comentaram suas respostas. De acordo com os comentários, 36% afirmam que os pais são os mais ativos e eles são a autoridade da casa, enquanto que a mãe fica responsável pelos serviços domésticos. Em uma das respostas, um aluno, relata que “há casos em que a mulher é menosprezada e só tem autoridade se estiver junto ao pai dos filhos”. Nestes comentários, denota-se o androcentrismo, que conforme Carvalho (2009, p.7) “se refere a um sistema cultural que é baseado nas normas e valores que vão promover o masculino, a masculinidade, e especialmente, o modelo de supremacia da masculinidade, excluindo as mulheres de posições de poder.”

Tabela 2. Percepção dos estudantes sobre o âmbito familiar

	Sim	Não
1.O pai é a autoridade máxima da casa	32	36
2. A mãe cuida da casa e dos filhos	52	16
3. Os filhos devem obediência ao pai	58	10
4. O pai e a mãe são autoridades na casa	67	1
5. O pai e mãe cuidam da casa e dos filhos	60	8
6. Os filhos devem obediência tanto ao pai quanto a mãe	67	1

Fonte: Elaborado pela Autora

ISBN: 978-85-93416-00-2



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Podemos observar nas respostas uma compreensão do conservadorismo patriarcal, sobre o qual um aluno relata que “não se deve perder os costumes de antigamente” embora 64% dos/as alunos/as disseram que tanto o pai quanto a mãe tem direitos e deveres e, por isso, devem ser respeitados. Apenas um aluno comentou que além de homens e mulheres terem os mesmos direitos e deveres, o papel da mulher não se restringia ao ambiente doméstico.

De acordo com os alunos, tanto o pai quanto a mãe devem ser respeitados na família. No entanto, a compreensão da maioria dos participantes questionados é que ainda seja atribuída a mulher o papel de cuidar da casa e dos filhos, enquanto aos pais são direcionadas as outras atividades e autoridade da casa. Esses fatores são o que chamamos de androcentrismo, onde ao homem estão pautados os privilégios e sua visão centralizada. Para Bourdieu, [...]

a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos (BOURDIEU, 2014, PÁG. 18).

Questionado aos alunos se já haviam feito suas escolhas profissionais, 46 responderam sim, entre meninas e meninos, deste universo, 27 são meninas onde a maioria escolheram cursos na área da saúde, por se identificarem com a área e justificando ser em curso que possibilita ajudar ao próximo. Dos meninos, 19 responderam positivamente. Entre os cursos variam na área de exatas e humanas, suas justificativas foram também por que se identificam com a área, e porque segundo eles, tem certa facilidade com cálculos. Aqui se confirma a segmentação de gênero já predominante nas carreiras, conforme os Censos da Educação Superior pelo INEP, que demarca atuações de espaços femininos e espaços masculinos no mercado de trabalho que é também um mercado de bens simbólicos e retratam a escolha profissional como uma designação de gênero, em maioria.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização



Patrocínio



Apoio





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Na quarta e última questão, do universo de 68 alunos, 4% não opinaram, 66% dos alunos e alunas responderam que há diferenças entre meninas e meninos, seja na forma de pensar ou de agir, apontando que as meninas em sala de aula são mais esforçadas que os meninos e visam um futuro melhor, enquanto os meninos não tem interesse algum, segundo a maioria dos pesquisados. As formas como os meninos e meninas se comportam na escola ou em sala de aula, indicam generalizações de como homens e mulheres devem ser e como estes devem se comportar, revelando a presença dos estereótipos de gênero nas percepções e provavelmente, nas ações e comportamentos adolescentes. Esses modelos de pensar e agir indicam também expectativas sobre homens e mulheres, podem ser bastante prejudiciais, pois promove aos sujeitos masculinos a masculinidade, e ao feminino a feminilidade e a quem foge desses padrões rotulados pela sociedade aplica-se a punição do preconceito e da discriminação, ferindo e desrespeitando as individualidades, pois “pelos lentes do estereótipo, não se enxerga o indivíduo, mas principalmente aquilo que o estereótipo indica” (CARVALHO, ANDRADE E JUNQUEIRA, 2009, p. 15).

4. Considerações finais

As percepções apresentadas pelos estudantes indicam alterações e transitoriedades sobre as formas de se caracterizar homens e mulheres. Embora as características de atividade, independência objetividade e racionalidade, tenham disso indicadas para homens e mulheres por maioria, sugerindo a aproximação e a quebra de fronteiras entre os gêneros, com caracterizações de agressividade e coragem majoritariamente aos homens e, fragilidade e sensibilidade majoritariamente às mulheres, emerge a visão androcêntrica no delineamento da ditadura dos estereótipos que delineiam as relações de gênero. Os direcionamentos evidenciados sobre a atuação do homem e da mulher na família sugerem visões de avanços e de conservadorismo coexistentes, provavelmente projetando as relações familiares vivenciadas e dando uma figura em parte renovada das famílias e ao mesmo tempo um esboço de território patriarcal, talvez em processo de mudanças.

As projeções de carreira profissional das mulheres que cuidam e dos homens que são bons em cálculo e, analogamente não são bons no cuidar, embora ainda muito

ISBN: 978-85-93416-00-2



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

formatadas pelos estereótipos de gênero, não são terminativas e podem sofrer alterações no percurso, a despeito das estatísticas atuais que confirmam a segmentação de gênero nas carreiras acadêmicas, em função das possibilidades de apelos econômicos e outros fatores imprevisíveis. Ainda no domínio acadêmico, na escola, vêm à tona as representações de meninas estudiosas, dedicadas e meninos desinteressados e descuidados sobre o próprio desempenho e sobre o futuro. Todavia, resta-nos neste caso reconhecer que apesar desta antiga constatação, a escola pouco tem feito para desfazer os rígidos contornos dos estereótipos de gênero, chegando a reforçá-los com suas práticas, a exemplo da exigência majorada sobre o desempenho e comportamento feminino e da complacência para com a falta de interesse do masculino, em muitos casos.

Enfim, os resultados apontam para a necessidade de uma maior aproximação do público pesquisado no intuito de melhor compreender suas percepções, como também de desenvolver ações que possam contribuir para a construção de novas concepções, uma vez que as relações de gênero ainda estão predominantemente naturalizadas, tornando-se difícil sua percepção crítica e transformações por parte da sociedade. Para pensar em uma sociedade mais igualitária, em que não haja desigualdades entre os sexos, e principalmente que não impute prejuízos às mulheres, onde mulheres e homens não sejam rotulados e quase obrigados a agirem de formas opostas e antagônicas por pertença de sexo/gênero faz-se necessário que ocorra a desnaturalização e a desconstrução dessas desigualdades sociais. Assim, propõe-se promover ações pedagógicas estratégicas para analisar criticamente as condições de perpetuação dos estereótipos e possibilitar à maneira democrática, o livre exercício dos direitos individuais e sociais de ser homem e ser mulher. A educação, sem dúvida, é um processo indispensável, sem o qual não ocorre a construção de uma sociedade com equidade, com autonomia de homens e mulheres, livre das discriminações de gênero.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização



Patrocínio



Apoio





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



5. Referências

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Kühner -12a ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 2014.

CARVALHO, Maria Eulina de Pessoa. **Consciência de Gênero na Escola**. Introdução à Questão das Relações de Gênero na Educação. Editora Universitária, 2000.

CARVALHO, M. E. P.; ANDRADE, F. C. B.; JUNQUEIRA, R. D. Gênero e **Diversidade Sexuais**: um glossário- João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, 2009. p. 07-15.

SOUSA, E, S.; ALTMANN, H. **Meninos e meninas**: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v19n48/v1948a04.pdf>, acesso em 03/09/2015

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização



Patrocínio



Apoio

